

E DEUS SEMPRE DISTRIBUIU AS GRAÇAS DO ESPÍRITO SANTO!

São de Deus a Justiça, os 10 Mandamentos, os Dons do Espírito Santo, Carismas ou Mediunismos, e os Anjos, Espíritos Mensageiros de Deus, e, não de Cristos quaisquer!!

1. **EU SOU O SENHOR TEU DEUS, NÃO HÁ OUTRO DEUS.**
2. **NÃO FARÁS IMAGENS QUAISQUER, PARA AS ADORAR.**
3. **NÃO PRONUNCIARÁS EM VÃO O NOME DE DEUS.**
4. **TERÁS UM DIA, NA SEMANA, PARA DESCANSO E RECOLHIMENTO.**
5. **HONRARÁS PAI E MÃE.**
6. **NÃO MATARÁS.**
7. **NÃO COMETERÁS ADULTÉRIO.**
8. **NÃO FURTARÁS.**
9. **NÃO DARÁS FALSO TESTEMUNHO.**
10. **NÃO DESEJARÁS O QUE É DO TEU PRÓXIMO.**

“Quem dera que o Senhor desse o Seu Espírito Santo e que toda a carne profetizasse” – Números, 11, 29.

“Derramarei o Meu Espírito Santo sobre a tua semente, e a Minha Bênção sobre a tua descendência” – Isaías, 44, 3.

“Derramarei o Meu Espírito Santo sobre toda a carne, e vossos filhos e filhas profetizarão, vossos velhos terão sonhos e vossos jovens terão visões” – Joel, 2, 28.

“Porque para vós é a promessa, e para quantos estiverem longe, quantos o Senhor a si quiser chamar” – Atos, cap. 2.

“Porque a um pelo Espírito Santo é dada a palavra de sabedoria, a outro de ciência, a outro a fé, a outro o dom de curar, a outro a produção de maravilhas, a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro as línguas diversas, e a outro as interpretações” – I Ep. Coríntios, cap. 12.

“Caríssimos, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque muitos já foram os falsos profetas que se levantaram no mundo” – I Ep. de João, cap. 4.

“Daqui em diante vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre os filhos do homem” - João, 1, 51.

“Deus não é de mortos, mas de vivos, porque aqueles que forem dignos da ressurreição, serão como os anjos do céu” – Mateus, cap. 22, 30.

“Testificando também Deus com eles, por sinais, milagres, várias maravilhas, e Dons do Espírito Santo, distribuídos por Sua Vontade” – Hebreus, 2, 4.

“Antigamente, em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia assim: Vinde, e vamos ao vidente, porque ao profeta de hoje, se chamava então vidente” – I Samuel, 9, 9.

“E estes sinais seguirão aos que crerem: Expulsarão os demônios; falarão novas línguas; manusearão serpentes; bebendo potagem mortífera, não lhes fará mal; porão as mãos sobre os enfermos e os curarão” – Marcos, 16, 17.

“Aquele que pecar contra o Filho do homem será perdoado, mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo será réu da Justiça Divina” – Jesus em Lucas, 12, 10.

Reconheçam que Deus tudo fez, para encher a Humanidade de Grandes Dotados de Dons Mediúnicos, Profetas, Videntes e outras muitas Graças Mediúnicas, Verdadeiros Ministros de Deus ou Santos Intermediários, servindo de graça os Seus filhos.

Com o Livro **EVANGELHO ETERNO E ORAÇÕES PRODIGIOSAS**, Deus vos entrega o DIVINISMO, e, com ele no mundo, cumpre o prometido em Joel, 2, 28, enchendo os Cultos Divinistas de **FARTURAS DE VIDENTES**, porque a Humanidade Vidente é que irá realizar o prometido por Deus em Isaías, capítulo 11, a Divina Civilização – porque, em Deus nada, **VOLTA ATRÁS!**

OSVALDO POLIDORO



O sagrado, de um milênio a outro

Roberto Pompeu de Toledo Ensaio

**A devoção à
princesa
Diana
lembra
os tempos
em que os
reis eram
cultuados
como santos**

Entre o rei Roberto, o Piedoso, que ocupou o trono da França entre os anos de 996 e 1031, e a princesa Diana de Gales, principal estrela da corte britânica desde seu casamento com o príncipe herdeiro até a morte, há 1 000 anos de distância. É muito. O mundo é outro, as mentes são outras. O bicho homem do ano 1000 é tão diferente do bicho homem das vésperas do ano 2000 que é quase outro bicho, e a paisagem é tão diversa que é como se estivéssemos em outro planeta. No entanto, a quem passa pelas proximidades da Ponte de L'Alma, em Paris, onde Diana morreu, quase um ano atrás, pode ocorrer que alguma semelhança subsiste, entre o tempo de Diana — o nosso tempo — e o do rei Roberto.

Roberto, o Piedoso era um rei taumaturgo. Curava, fazia milagres. Atribuíam-se aos reis, em geral, poderes semelhantes aos dos santos. Não eram eles titulares de um direito que lhes vinha de Deus? Não eram, além do mais, ungidos por óleos santos no momento de sua sacração? Uma vez, enquanto Roberto lavava as mãos, um cego aproximou-se e pediu que lhe jogasse água no rosto. O rei fez-lhe a vontade e... maravilha! O cego viu!

Diana, ao que se saiba, não curou ninguém, mas não poucos, à sua passagem, ansiariam por seu toque, como se fosse uma princesa taumaturga. Não poucos se sentiriam premiados com uma fagulha que fosse de seu olhar. E, mais ainda depois de sua morte trágica, passou a compartilhar com o distante colega de sangue azul do ano 1000 o fato de ser percebida como ungida pelo sagrado. Na Ponte de L'Alma, o pequeno canteiro que sobra entre o início do túnel no qual ela mergulhou para a morte e a pista ao lado está sempre tomado por maços de flores, retratos seus arrancados de revistas, inscrições dizendo que viverá para sempre. É como se fosse um lugar santo.

Nesse cantinho tosco da malha viária parisiense, cercado de carros que circulam por todo lado, revela-se um dos aspectos da virada de milênio que nos é dado viver. Se fosse na virada de milênio anterior, a dos tempos de Roberto, o Piedoso, muito possivelmente se iria além. Nasceria uma fonte, naquele lugar, como acontecia no ponto onde morriam as virgens martirizadas, depois se construiria uma capela e com o tempo, não dando a capela mais conta da afluência de peregrinos, se construiria uma igreja. Não se chegará a tanto, hoje, inclusive porque construir uma igreja

ali atrapalharia a circulação de veículos, e sabe-se o que a circulação de veículos representa em nosso tempo. mas peregrinações, isso, há. Tanto a Ponte de L'Alma como a porta do Hotel Ritz, de onde Diana e o namorado dispararam para o acidente mortal, são objeto de visita de devotos. Em Londres, há roteiros organizados aos lugares que fizeram parte da vida de Diana, como o Palácio de Kensington, onde morava, e mesmo a academia onde fazia ginástica.

O culto às relíquias é outro ponto comum entre os tempos de Diana e os do rei Roberto. O livro *O Ano Mil*, do historiador francês Georges Duby, no qual nos estamos baseando para voltar à virada de milênio que precedeu a nossa, contém exemplos marcantes das proezas de que as relíquias eram capazes. No dia em que as relíquias de São Marcial saíram em procissão na cidade de Limoges, o tempo se abriu e cessaram as inundações que durante muito tempo haviam castigado a região. Uma vez, em Angoulême, ali perto, os monges que transportavam as relíquias de santo Cybard atravessaram um rio, a pé, sem se molhar. Multidões acorriam aos santuários depositários das relíquias. Um dia, na quaresma, foi tal o povo em torno das relíquias de São Marcial que, num momento de pânico, cinquenta pessoas morreram pisoteadas. O túmulo de Diana é reverenciado, 1 000 anos depois, como se contivesse uma relíquia. Um museu foi recentemente inaugurado pelo irmão da princesa, com objetos que pertenceram a ela.

Se Diana deixou esse legado é porque, a seu modo, ou melhor dito, ao *nosso modo* — ao modo do nosso tempo —, virou santa. As autoridades da Igreja Anglicana até já alertaram contra a santificação da princesa, tanto mais incômoda quanto se dá à margem dos devidos processos. É uma canonização selvagem, digamos. Uma canonização não religiosa, e com isso chegamos à diferença crucial entre o bicho homem do ano 1000 e o bicho homem do ano 2000. O do ano 1000 acreditava em prodígios. Acreditava numa ordem cósmica onde cabiam prêmios e castigos do céu, milagres, estrelas que prenunciavam alegrias e cometas que traziam desgraças. O do ano 2000, fruto de uma era racionalista, não acredita em prodígios. Mas como, ao que tudo indica, carece deles, cria pessoas prodigiosas. Cabe à mídia o papel que outrora foi da Igreja de magnetizar o público em torno delas. Fundamental, para a pessoa prodigiosa de hoje em dia, é ser sagrada pela mídia, como outrora, para a sacração dos reis, eram fundamentais os óleos santos. Aconteceu isso com Diana. Por isso, embora (por enquanto) sem fazer milagres, é o equivalente de nossa época do piedoso rei Roberto, e um ponto que nos aproxima dos distantes tempos da última passagem de milênio.